

CINEMA, CHÁ E CULTURA

Anelise R. Corseuil ◉ Brígida de Miranda ◉ Maria Cecília Coelho ◉
Maria Lúcia Milléo Martins ◉ Maria Teresa Collares

(Orgs.)



Pós-graduação em Inglês
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Universidade Federal de Santa Catarina

Organizadoras

Anelise R. Corseuil
Brígida de Miranda
Maria Cecília Coelho
Maria Lúcia Milléo Martins
Maria Teresa Collares

Comissão Editorial

Genilda Azeredo (UFPB)
José Gatti (UFSC)
Raphael de Boer (FURG)

Revisão ortográfica

Rosangela Santos de Souza

Projeto gráfico, diagramação, editoração eletrônica e capa

Ane Girondi
Letícia Beatriz Folster

**Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina**

C426 Cinema, chá e cultura / Organizadora, Anelise
R. Corseuil...[et al.]. -
Florianópolis : LLE/CCE/UFSC, 2016.
96 p. : il.

Inclui bibliografia.

1. Cinema - Crítica e interpretação.
2. Literatura - Crítica e interpretação. I.
Corseuil, Anelise R.

CDU: 7

Elaborada por Jonathas Troglio CRB-14/1093

ISBN: 978-85-5581-013-8

Sumário

Diálogos críticos com o Cinema.....	9
Maria Lúcia Milléo Martins, Maria Teresa Collares	
Sessão das Moças: sociabilidades cinematográficas em Florianópolis.....	15
Alexandre Sardá Vieira	
<i>Os Inocentes</i>: trajetórias e percursos.....	23
Anelise R. Corseuil	
O imaginário gótico de Tim Burton.....	33
Daniel Serravalle de Sá	
<i>A máquina do tempo</i>: Uma discussão da teoria da relatividade.....	43
Marcelo Girardi Schappo	
A adaptação histórica na adaptação filmica: <i>Os sonhadores</i>.....	59
Marcia Tiemy Morita Kawamoto	
Sobre aquelas duas – fricções entre o cinema e a literatura.....	71
Marcio Markendorf	
<i>A Megera Domada</i> de Zeffirelli na teia da história.....	79
Maria Lúcia Milléo Martins	
Sobre Deus, Amadeus e Salieri	87
Maria Teresa Collares	

O imaginário gótico de Tim Burton

Daniel Serravalle de Sá (UFSC)¹

O universo criativo de Tim Burton costuma combinar elementos do horror e do humor para explorar questões relacionadas à dualidade da ligação entre vida e morte, evidenciando o paradoxo de que não pode existir uma sem a outra. *A lenda do cavaleiro sem cabeça / Sleepy Hollow* (1999) e *Sombras da noite / Dark shadows* (2012) são exemplos de filmes que focam a temática da vida e da morte como aspectos inerentes à experiência humana, demonstrando o interesse que o diretor americano nutre pelo lado mais obscuro da psique e da existência.

Não se trata de uma obra pessimista ou depressiva, como pode parecer pela descrição acima, mas de uma obra que manifesta um fascínio pela representação de mundos paralelos, onde vivos e mortos coexistem em espaços marcados por múltiplas expressões de dualidade e que se

¹ Daniel Serravalle de Sá é Professor Adjunto do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui Mestrado em *Studies in Fiction* na University of East Anglia (2005), Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo (2006) e Doutorado em *Latin American Cultural Studies*, na University of Manchester (2010). Tem experiência nas áreas de Literatura e Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria e crítica literária e cultural, literatura e história, análise de filmes. Nos últimos anos, tem escrito sobre o gótico e suas manifestações em diferentes contextos culturais.

relacionam ora por oposição ora por justaposição. Tal capacidade de interpretar o mundo operando com diversas ambivalências exprime uma vontade de burlar as convenções daquilo que as pessoas entendem como “normalidade”. Burton, frequentemente, inverte os ditos valores convencionais, por exemplo, encenando o mundo dos vivos como um lugar triste e hipócrita enquanto o mundo habitado pelos mortos e fantasmas se apresenta como um lugar colorido e festivo, esse é o caso de *Os fantasmas se divertem / Beetlejuice* (1988) e *A noiva cadáver / Corpse bride* (2005).

As histórias que Burton narra em seus filmes, a maneira como ele as constrói, proporciona uma miscelânea de situações engraçadas, mórbidas, melodramáticas, patéticas, que parecem dizer que negar ou ignorar o fato de que toda vida tem um fim, revela uma tremenda falta de imaginação, a qual tem o efeito paradoxal de tornar a vida “sem vida”.

Enquanto a arte e a imaginação de Tim Burton possuem uma forte marca individual, muitos de seus filmes colocam-se conscientemente dentro de uma tradição narrativa muito particular de contar histórias, a qual possui um inventário de objetos e situações bem estabelecidas: a literatura gótica. O imaginário gótico se caracteriza por sua fascinação com o lado obscuro, desconhecido ou inexplorado da experiência humana, são narrativas que, em geral, exploram o mundo sobrenatural e a inevitabilidade da morte. Todavia, enquanto alguns textos góticos representam a morte em termos de destruição e aniquilamento (o oposto da vida) outros buscam conectar vida e morte como duas faces de experiência humana.

Mesmo que Burton não tenha lido os romances góticos fundacionais, escritos na segunda metade do século XVIII, na Inglaterra, é possível observar, através de mecanismos de transmissão histórica, que certas imagens, temas e técnicas específicas, originárias desse tipo de ficção, sobrevivem em sua obra, de modo que se pode dizer que Burton tem uma

“sensibilidade gótica”. Para criar seu estilo individual, ele mistura essa herança do gótico literário com elementos ecléticos da cultura popular, na maior parte dos casos provenientes do cinema, da televisão e da literatura popular americana das décadas de 1950 e 1960. Assim, a intertextualidade é o principal elemento criador de sentidos na obra de Burton. Entre algumas das apropriações textuais que alimentaram sua imaginação e que exerceram um papel determinante no conjunto de sua obra, observam-se filmes de monstros japoneses, filmes de terror ditos B, filmes de ficção científica, imagens de livros do Dr. Seuss e a técnica de *stop motion* de Ray Harryhausen.

Não obstante, a centralidade do gótico enquanto modelo narrativo é algo profundamente enraizado na obra de Tim Burton, e isso já pode ser visto nos curtas metragens de início de carreira, *Vincent* (1981) e *Frankenweenie* (1982), cuja essência e princípios orientadores se estendem por toda sua filmografia posterior. Em *Batman* (1989) e *Batman: o retorno / Batman returns* (1992) a *mise-en-scène* é um artifício definidor do filme, o cenário e atmosfera soturna de Gotham City são exemplares da ligação do cineasta com o gótico, substanciando elementos que consolidariam o estilo característico de Burton no futuro.

A temática gótica do herói desajustado com a sua realidade, vivendo quase sempre situações de isolamento devido a sua diferença, em geral, tem como cerne dessa inadequação questões relacionadas à sociedade ou à família. Isso pode ser visto em *Edward, mãos de tesoura / Edward scissorsbands* (1990), a estranha criatura que transforma a rotina tediosa de uma comunidade. Burton exibe uma simpatia incondicional por todas as figuras que são de alguma forma marginais e as usa como sátira iconoclasta da normalidade.

A presença do gótico nos filmes de Burton é definidora e exerce influência até mesmo nos filmes que não apresentam narrativas de contornos góticos bem definidos. Em *Ed Wood*

(1994) uma evidente homenagem ao gótico é feita através de um ator que personifica Bela Lugosi, o eterno Drácula. Todavia, é principalmente por meio da caracterização fúnebre dos ambientes, dos elementos visuais lúgubres e segredos pessoais que, até certo ponto, a conexão entre esse filme e o gótico pode ser estabelecida. Há uma vertente da ficção gótica que não se vale do terror psicológico, da apreensão e do medo sugerido, ao invés disso, apresenta o nervo exposto, o grotesco e o horror explícito para atrair leitores para o mundo que está sendo representado. Nesse sentido, há traços góticos em filmes insuspeitos como *Marte ataca! / Mars attacks!* (1996), no qual uma ameaça alienígena desencadeia a carnificina indiscriminada de quase todos os personagens do filme. Embora *Peixe grande e suas histórias maravilhosas / Big fish* (2003) deva mais aos contos de fadas do que ao gótico, a presença de personagens insólitos e de florestas aterradoras sugere uma marca gótica, ainda que menos pujante. Até mesmo em *A fantástica fábrica de chocolate / Charlie and the chocolate factory* (2005), o gótico ecoa nos conflitos internos de Willy Wonka, assombrado pelas memórias e traumas de infância infringidos por seu pai dentista. A disposição para a matança (e um retorno ao gótico clássico) reaparece em *Sweeney Todd* (2007), onde o sangue derramado tingiu de vermelho o clima cinzento de Londres.

Batman, Willy Wonka e Sweeney Todd são personagens que lutam para construir uma identidade coerente para si mesmos, seus conflitos pessoais emergem de problemas relacionados a sofrimentos passados, os quais remetem à brutalidade subjacente à natureza humana e à questão dos demônios pessoais. A seguir, oferece-se uma discussão mais detalhada acerca do filme *O estranho mundo de Jack / The nightmare before Christmas* (1993) exibido numa sexta-feira, dia 25 de novembro, na última sessão de 2011 do projeto Cinema, Chá e Cultura.

A subversão do Natal em *O estranho mundo de Jack*

O estranho mundo de Jack pode ser considerado uma das obras que melhor expressa o estilo de Burton. O filme é um musical e uma animação que se utiliza de marionetes e da técnica de *stop motion*. Dirigido por Henry Selick, Tim Burton trabalhou nesse longa metragem apenas como produtor, em parceria com a Disney. As marionetes utilizadas no filme são articuladas e muito expressivas, resultado da excelente qualidade técnica. O personagem principal, Jack Skellington, contou com uma produção de 150 cabeças removíveis para exprimir toda a gama de sentimentos necessários à realização do filme, seus meneios elegantes fazem o espectador esquecer que a movimentação fluida que vemos nas telas é o resultado de animações feitas a partir de fotografias, um processo complexo e laborioso. A trilha sonora, assim como as vozes de diversos personagens, inclusive a de Jack quando canta, foram feitas pelo músico Danny Elfman. O elenco de vozes inclui, ainda, Chris Sarandon, Catherine O'Hara, William Hickey, Ken Page e Glenn Shadix.

Trata-se de um filme que oferece uma visão singular da festa de Natal, misturando-a com elementos do Dia das Bruxas. A história pressupõe a existência de mundos paralelos, onde a “terra dos feriados” coexiste com o mundo como conhecemos. O filme narra a história de Jack Skellington, o rei abóbora da cidade do Halloween, que, certo dia, se depara com Christmas Town, a cidade do Natal. Enquanto a primeira cidade se especializa na comemoração do Dia das Bruxas a cada ano, a outra celebra o Natal.

Cansado de repetir sempre as mesmas coisas todos os anos para celebrar o Dia das Bruxas, Jack anseia por algo diferente para tirá-lo do marasmo. Ele fica tão impressionado com a ideia da festa natalina, com a felicidade, a cantoria e a disposição que encontrou

na cidade do Natal que, ao regressar para sua cidade, ele tenta explicar e compartilhar com seus súditos tudo o que viu e ouviu sobre o sentimento natalino. O problema é que Jack compreendeu mal tudo aquilo que presenciou, inclusive, não compreendeu o nome do Papai Noel / Santa Claus e, ao recontar sua história, os nomes se confundem e todos passam a chamá-lo de Papai Cruel / Sandy Claws. Nem Jack nem nenhum outro morador da cidade do Halloween é realmente capaz de entender o espírito do Natal.

O tempo passa e Jack segue desassossegado e insatisfeito com a rotina, até que uma ideia maquiavélica o toma de assalto: ele decide sequestrar o Papai Noel e encenar o Natal à sua maneira, e toda a cidade do Halloween ficará encarregada dos preparativos. Apesar das advertências de Sally, uma boneca de pano e seu potencial par romântico, Jack sequestra o Papai Noel com ajuda do bizarro trio de ajudantes Lock, Shock e Barrel. Tentando desfazer a confusão, Sally vai soltar o Papai Noel, que está sendo mantido refém no covil do Bicho Papão / Oogie Boogie, mas acaba sendo capturada, tornando-se prisioneira também.

Na noite de Natal, Jack tenta substituir o Papai Noel e sai para distribuir os presentes nefastos feitos por seus súditos. Entretanto, como seu conceito de Natal é estranho para todos que o comemoram, o que se dá é uma subversão da festa natalícia, que adquire um caráter sinistro e cômico. Jack consegue apenas espalhar medo e pânico com sua aparência horripilante e presentes inusitados. Após ter seu trenó abatido pela polícia, a história de Jack encontra seu caminho para um final feliz. Num momento de lucidez, ele percebe o mal que causou e também como foi errado tentar ser uma pessoa que ele nunca foi. Jack retorna para a cidade do Halloween e consegue salvar Sally e o Papai Noel, que retorna para o mundo das pessoas a tempo de colocar as coisas em ordem e fazer o Natal acontecer.

A ornamentação exuberante presente no filme e a artificialidade da *mise-en-scène* evidencia uma rejeição consciente de

Burton ao realismo narrativo, conectando o filme ao imaginário sobrenatural e extraordinário que caracteriza o gótico. A narrativa é relativamente de fácil compreensão e a mistura do macabro com o ingênuo permite que as crianças apreciem o filme sem ficarem perdidas e nem entediadas. *O estranho mundo de Jack* é um filme para toda a família, mas os mais jovens podem se assustar um pouco com os habitantes monstruosos, e ao mesmo tempo cômicos, da cidade do Halloween. O humor mais refinado é destinado aos adultos que irão projetar suas próprias experiências e sentimentos de inadequação nas figuras canhestras do filme e provavelmente rir de uma infância que julgavam ter deixado para trás.

Tim Burton busca reduzir a narrativa de *O estranho mundo de Jack* aos seus aspectos essenciais, assim como acontece nos contos de fadas tradicionais. O cineasta opta por uma história de desenvolvimento simples e diretamente ligada às emoções básicas do comportamento humano, pois estas possuem um grande poder de fixação na memória dos espectadores. As imagens fortes, a noção de perigo iminente, o conjunto de imagens e símbolos que Burton utiliza trabalham para a criação de uma estética gótica com marcas pessoais. Os elementos góticos nos filmes de Tim Burton são fundamentalmente transmitidos através de três conceitos básicos: a caracterização do espaço e objetos, a atmosfera soturna e a construção dos personagens. Os aspectos visuais são elementos estruturantes nesse e em outros filmes de Burton, operando como forma de introduzir componentes desencadeantes da narrativa ou como forma de induzir estados de espírito. Por exemplo, a aparição de um objeto visual como uma teia de aranha insinua a presença de que algo tenebroso ou fantasmagórico está por vir, ainda que tal prenúncio possa ser deliberadamente enganoso.

Em relação à caracterização do espaço, Burton geralmente se vale de mansões, ruínas, cemitérios, labirintos, escadarias, além de outros ambientes arquitetônicos para obter efeitos relacionados

ao sobrenatural. A aparição cumulativa desses espaços funciona no sentido de construir um conjunto de impressões subjetivas, provocadas ou intensificadas pela atmosfera do filme e pela interpretação dos acontecimentos. Em *O estranho mundo de Jack*, o rei abóbora habita um castelo (símbolo central do gótico) que transmite ao espectador uma percepção visual de impacto emocional, exercendo a função dramática de causar estranheza ou apreensão na audiência.

Um aspecto relacionado à atmosfera dos filmes, e de extrema relevância na literatura gótica, diz respeito ao modo como o interesse pela história que está sendo contada depende de uma construção narrativa que mantém o suspense e a ambiguidade em alta, conduzindo leitores e espectadores a um desfecho que poderá ou não desfazer essa atmosfera tensa. Jogos de luz e sombra (*chiaroscuro*), manifestações ou sugestões da presença do sobrenatural, circunstâncias estranhas ou emocionalmente complexas, situações de isolamento, são alguns artifícios que contribuem para a elaboração de atmosferas lúgubres. A atmosfera de um filme diz respeito à imersão no universo ficcional e ao acompanhamento dos personagens em suas hesitações e devaneios. Logo, o objetivo é priorizar o desenvolvimento da ação através da criação de ritmos e perspectivas que possam despertar reações emocionais, por exemplo, predispondo à suspensão da verossimilhança em face ao que parece impossível.

Em relação à construção dos personagens, em meio à diversidade de vozes enunciantoras que constituem a caracterização dos personagens, temos uma inclinação ao favorecimento da perspectiva das figuras marginais, os personagens com dificuldades de inserção social. Além disso, Burton costuma introduzir em suas narrativas personagens que possuem uma aparência estranha ou desagradável, mas que, ao mesmo tempo, têm uma natureza amável e generosa. Esse recurso tem como objetivo criar confusão na identificação do real, pois nem sempre o que é bonito é bom,

nem sempre o feio é mau. Outro tipo comum de personagem em Tim Burton é o anti-herói, ele é criativo e tem boas intenções, mas pode ser desastrado e tomar péssimas decisões por ser inexperiente e ingênuo, a tendência para a caricatura dos personagens é mais um fator que aproxima Tim Burton do imaginário gótico.

Historicamente, uma das funções da literatura gótica foi expandir os horizontes dos padrões sociais vigentes, desafiando a ordenação racional do mundo e liberando o caminho para a expressão dos sentimentos e emoções (que posteriormente seria uma bandeira do Romantismo). Em outras palavras, o gótico literário amplia o sentido da realidade e seu impacto sobre o ser humano. Ao expor as deficiências da lógica de normatização da vida cotidiana, os filmes de Burton se enquadram na tradição gótica de artistas que valorizam o sentimento sobre a razão.

Podemos pensar que, subjacente aos filmes de Burton, há uma intenção moralizante acerca da necessidade de aceitar e, se possível, compreender a diferença entre as pessoas, principalmente em relação àquelas que fogem do padrão da “normalidade”. Todavia, se não for possível aceitar e compreender, o indivíduo diferente não deve ser julgado, mas deixado em paz, pois, de fato, existem pessoas que não se enquadram nas convenções ou moldes sociais vigentes, e não se deve esperar que o façam. Seus filmes desafiam a categorização fácil ou simplista acerca dos indivíduos que não se adaptam à sociedade. A moral subjacente é: o ser humano é complexo, ambíguo e único e deve ser respeitado nas suas diferenças.

Referências

ESTRANHO mundo de Jack, O (*The nightmare before Christmas*).
Direção de Henry Selick. Estados Unidos: Skellington
Productions e Touchstone Pictures/Walt Disney Pictures,
1993. DVD Edição Especial. Touchstone Pictures. 1993.
(76 min)